

TEMAS
PARA
GRUPOS PAROQUIAIS
DE
MEDITAÇÃO E ORAÇÃO COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2023-2024
Arquidiocese de Évora

ÍNDICE

Introdução	5
Tema 1: A “oblação de Melquisedec” (<i>Gn 14,18-20</i>); (<i>Heb. 7,1-10</i>)	7
Tema 2: A celebração da Ceia judaica (<i>Ex. 12,1-14</i>).....	13
Tema 3: O sangue da Aliança (<i>Ex. 24,3-8</i>).....	19
Tema 4: O alimento no deserto (<i>Ex. 16,1-21</i>).....	25
Tema 5: Recordações do caminho: aprender com o passado ... (<i>Dt. 8,5-20</i>).....	31
Tema 6: Jesus alimenta a multidão (<i>Mc. 6,34-44</i>).....	37
Tema 7: Acreditar em Jesus, Pão da vida (<i>Jo. 6,26-59</i>).....	43
Tema 8: A última ceia de Jesus (<i>Lc. 22,14-20</i>).....	49
Tema 9: Lava-pés e Eucaristia (<i>Jo. 13,1-5</i>).....	55
Tema 10: A Eucaristia, sacramento de unidade (<i>1Co. 11,23-34</i>).....	61
Tema 11: Reconheceram Jesus a partir o pão (<i>Lc. 24,13-35</i>).....	67
Tema 12: A Eucaristia, fonte da missão dos crentes (<i>Act. 13,1-3</i>).....	73
Tema 13: O Domingo, dia do Senhor e senhor dos dias (<i>Mc. 16,1-8</i>).....	79
Tema 14: O Domingo, dia de Cristo ressuscitado (<i>Jo. 20,19-29</i>).....	85
Tema 15: A Eucaristia, fonte de partilha e solidariedade (<i>Act. 4,32-37</i>).....	91
Tema 16: As núpcias do Cordeiro (<i>Ap. 19,5-10</i>).....	97

INTRODUÇÃO

A Arquidiocese de Évora tem publicado um conjunto de temas de reflexão que se baseiam nas propostas pastorais de cada ano, com o objetivo de facultar aos Grupos Paroquiais e aos Movimentos de Apostolado algumas ferramentas para os integrar noutras iniciativas incluídas no programa. Estes temas, fundamentados em textos bíblicos e desenvolvidos seguindo o método da Lectio Divina, têm permitido manter o foco no objetivo geral do programa pastoral.

O plano pastoral dos próximos dois anos terá em conta a necessidade de apresentar um novo rosto da Igreja, aproveitando o impacto positivo das Jornadas Mundiais da Juventude, o caminho sinodal 2023 e 2024, a celebração do 53º Congresso Eucarístico Internacional na cidade de Quito, no Equador, de 8 a 15 e Setembro de 2024, e o V Congresso Eucarístico Nacional, em Braga, de 31 de Maio a 2 de Junho de 2024.

A Eucaristia é a melhor expressão da vida de Igreja, o centro de toda a vida cristã, de onde tudo nasce e para onde tudo converge. Nos anos da pandemia, a participação dos fiéis na Eucaristia Dominical foi afetada e muitos ficaram impedidos de se juntar à assembleia para a celebração. Reconhecendo a importância da celebração litúrgica na vida da comunidade e a necessidade de uma maior consciencialização de todos os participantes para tornar visível o rosto renovado da Igreja, são propostos temas bíblicos que nos fazem redescobrir as origens e o sentido da celebração da Eucaristia. A fonte é sempre a Sagrada Escritura, com textos, maioritariamente do Novo Testamento, mas também do Antigo, porque as raízes da celebração da Eucaristia se encontram na tradição hebraica.

A reunião dos grupos para a reflexão destes temas deve levar, necessariamente, a uma participação mais ativa e consciente na celebração Eucarística, onde cada um assume o seu papel e se compromete a viver aquilo que celebra.

TEMA 15

A EUCARISTIA, FONTE DE PARTILHA E SOLIDARIEDADE

1. ORAÇÃO

Louvado sejas pela Tua misericórdia para conosco. Sabes quem somos e até agora desististe de nós. Enviai sobre nós o vosso Espírito, para que a Palavra que vamos escutar e rezar, tenha efeitos práticos na nossa vida quotidiana, e outros se possam descobrir o Teu amor pelos nossos gestos de partilha. PNSJC.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Depois de feito o registo nas próprias Bíblias, um leitor proclama calmamente a Palavra. A seguir, cada um lê para si próprio, em silêncio, a mesma leitura, a fim de a interiorizar. As Bíblias devem estar fechadas enquanto se faz a proclamação.

Proclamação da Palavra

Actos 4,32-37

Os “Atos dos Apóstolos” são uma catequese sobre a forma como os discípulos assumiram e continuaram o projeto salvador do Pai e o levaram – após a partida de Jesus deste mundo – a todos os homens.

O texto que hoje nos é proposto pertence à primeira parte do Livro dos Atos dos Apóstolos. Faz parte de um conjunto de três sumários, através dos quais Lucas descreve aspetos fundamentais da vida da comunidade cristã de Jerusalém. Um primeiro sumário é dedicado ao tema da unidade e ao impacto que o estilo cristão de vida provocou no povo da cidade (cf. At 2,42-47); um segundo sumário (e que é exatamente o texto que nos é hoje proposto) refere-

se sobretudo à partilha dos bens (cf. At 4,32-35); o terceiro trata do testemunho que a Igreja dá através da atividade miraculosa dos apóstolos (cf. At 5,12-16).

Naturalmente, estes sumários não são um retrato histórico rigoroso da comunidade cristã de Jerusalém, no início da década de 30. Quando Lucas escreve estes relatos (década de 80), arrefeceu já o entusiasmo inicial dos cristãos: Jesus nunca mais veio para instaurar definitivamente o “Reino de Deus”, e vislumbra-se desde já a aproximação das primeiras grandes perseguições... Há algum desleixo, falta de entusiasmo, monotonia, divisão e confusão (até porque começam a aparecer falsos mestres, com doutrinas estranhas). Neste contexto, Lucas recorda o essencial da experiência cristã e traça o quadro daquilo que a comunidade deve ser.

No versículo 33 diz-se que “os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor com grande poder”. Não se tratava dos prodígios feitos (não são esses que demonstram que Jesus está vivo); a verdadeira prova que todos podiam constatar era outra: era a vida completamente nova dos primeiros cristãos.

Segundo o nosso texto, essa vida apresentava duas características extraordinárias, absolutamente fora do comum: os seus membros «tinham um só coração e uma só alma» e «ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum» (v32)

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Como será, então, essa comunidade ideal, que nasce do Espírito e do testemunho dos apóstolos?

Em primeiro lugar, é uma comunidade formada por pessoas muito diversas, mas que abraçaram a mesma fé (“a multidão dos que tinham abraçado a fé” – vers. 32a). A “fé” é, no Novo Testamento, a adesão a Jesus e ao seu projeto. Para todos os membros da comunidade, o Senhor Jesus Cristo é a referência fundamental, o cimento que a todos une num projeto comum.

Em segundo lugar, é uma comunidade unida, onde os crentes têm “um só coração e uma só alma” (vers. 32a) e da adesão a Jesus resulta, obrigatoriamente, a comunhão e a união de todos os “irmãos” da comunidade. Em terceiro lugar, é uma comunidade que partilha os bens. Da comunhão com Cristo resulta a comunhão dos cristãos entre si; e isso tem implicações práticas. Em concreto, implica a renúncia a qualquer tipo de egoísmo, de autossuficiência, de fechamento em si próprio e uma abertura de coração para a partilha, para o dom, para o amor. Expressão concreta dessa partilha e desse dom é a comunhão dos bens: “ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum” – vers. 32b). Num desenvolvimento que explicita este “pôr em comum”, Lucas conta que “não havia entre eles qualquer necessitado, porque todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam o produto das vendas, que depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então a cada um conforme a sua necessidade” (vers. 34-35). É uma forma concreta de mostrar que a vida nova de Jesus, assumida pelos crentes, não é “conversa fiada”; mas é uma efetiva libertação da escravidão do egoísmo e um compromisso verdadeiro com o amor, com a partilha, com o dom da vida. Num mundo onde a realização e o êxito se medem pelos bens acumulados e que não entende a partilha e o dom, a comunidade de Jesus é chamada a dar exemplo de uma lógica diferente.

A primitiva comunidade cristã, nascida do dom de Jesus e do Espírito, é verdadeiramente uma comunidade de homens e mulheres novos, que dá testemunho da salvação e que anuncia a vida plena e definitiva. A fé dos discípulos, a sua união e, mais do que tudo, essa “ilógica” e “absurda” partilha dos bens eram a “prova provada” de que Cristo estava vivo e a atuar no mundo, oferecendo aos homens um mundo novo. A Cristo ressuscitado, os habitantes de Jerusalém não podiam ver; mas o que eles podiam ver era a espantosa transformação operada no coração dos discípulos, capazes de superar o egoísmo e a auto-suficiência e de viver no amor e na partilha. Viver de acordo com os valores de Jesus é a melhor forma de anunciar e de testemunhar que Jesus está vivo.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

A comunidade cristã é uma “multidão” que abraçou a mesma fé; é uma família onde os irmãos têm “um só coração e uma só alma”, mas é sobretudo uma comunidade de partilha. No centro dessa comunidade está o Cristo do amor, da partilha, do serviço, do dom da vida... O cristão não pode, portanto, viver fechado no seu egoísmo, indiferente à sorte dos outros irmãos. Em concreto, o nosso texto fala na partilha dos bens... Uma comunidade onde alguns esbanjam os bens e onde outros não têm o suficiente para viver dignamente, será uma comunidade que testemunha, diante dos homens, esse mundo novo de amor que Jesus veio propor? Será cristão aquele que, embora indo à igreja, só pensa em acumular bens materiais, recusando-se a escutar os dramas e sofrimentos dos irmãos mais pobres?

Fazendo uma catequese sobre os Atos dos Apóstolos, o Papa Francisco diz a certa altura: “A comunidade cristã nasce da superabundante efusão do Espírito Santo e cresce graças ao fermento da partilha entre irmãos e irmãs em Cristo. Há um dinamismo de solidariedade que constrói a Igreja como família de Deus, onde a experiência da koinonia é central. Que significa esta palavra estranha? É uma palavra grega que significa «pôr em comum», «partilhar», ser uma comunidade, não se isolar... Na Igreja das origens, esta koinonia, esta comunidade refere-se sobretudo à participação no Corpo e Sangue de Cristo. Por esta razão, quando fazemos comunhão declaramos, “comunicamos”, entramos em comunhão com Jesus e desta comunhão com Jesus chegamos à comunhão com os nossos irmãos e irmãs. E esta comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo que se faz na Santa Missa, traduz-se em união fraterna, e portanto também com o que é mais difícil para nós: partilhar os bens e recolher dinheiro para a coleta a favor da Mãe Igreja de Jerusalém (cf. Rm 12, 13; 2 Cor 8-9) e para as outras Igrejas. Se quiserdes saber se sois bons cristãos, deveis orar, procurar aproximar-vos da comunhão, do sacramento da reconciliação. Mas o sinal de que o vosso coração se converteu é quando a conversão chega aos vossos bolsos, quando toca o vosso interesse: é nisso que se vê se alguém é

generoso com os outros, se alguém ajuda os mais débeis, os mais pobres: quando a conversão chegar lá, tendes a certeza de que é uma verdadeira conversão”.

Um exemplo concreto da partilha e da comunhão dos bens vem-nos do testemunho de Barnabé: ele possui um campo e vende-o para entregar os proventos aos Apóstolos (cf. At 4, 36-37).

As múltiplas experiências de partilha fraterna provocadas pelas JMJ foram verdadeiramente gestos luminosos de amor, que provocaram em muitos cristãos e não só, grandes interrogações. É que houve famílias que acolheram em suas casas três, quatro e cinco jovens e adultos, irmãos desconhecidos vindos da Europa, da Ásia, da África e da América. Deram-lhes dormida e alimentação e alguns até lhes cederam a chave da sua casa, durante o tempo que permaneceram na diocese.

Mas na Igreja sempre aconteceram os gestos de despojamento de coisas desnecessárias para dar aos necessitados; muitos são ainda hoje os cristãos que fazem voluntariado partilhando o seu tempo com os doentes, os idosos, os deficientes, as viúvas, as crianças, os presos.

São inúmeros os cristãos que, sem estarem à espera de condecorações ou de benefícios fiscais, partilham o seu dinheiro e tempo com instituições de solidariedade social, associações de bombeiros, banco alimentar contra a fome, *cáritas*, Ajuda à Igreja que Sofre etc. etc.

Existem ainda grupos de cristãos (para além dos que vivem nos conventos) que voluntariamente põem em comum alguma parte dos seus vencimentos mensais, para satisfazerem as necessidades dos mais pobres.

Certamente também os que aqui nos reunimos para este encontro à volta da Palavra de Deus, já experimentámos muitos momentos de partilha e solidariedade, sob pena de desdizermos na vida, o que celebramos em cada Eucaristia, onde Cristo se parte e reparte, para que possamos ter vida em abundância.

A este respeito pedia-vos alguns momentos de silêncio para refletirdes sobre as palavras de S. João Crisóstomo (séc IV): “Quando pretendemos

honrar alguém, devemos prestar-lhe a honra que ele prefere e não a que mais nos agrada. Assim debes também tu prestar a Cristo a honra que Ele mesmo ordenou, distribuindo pelos pobres as tuas riquezas. Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas de ouro”.

Será que até agora nos temos preocupado, cada um a seu modo, com a vida da paróquia nos seus diferentes aspetos (água, luz, telefone, limpeza, embelezamento, conservação e reconstrução)? Alguns sim, outros talvez não...

E com os irmãos necessitados, o que temos procurado fazer? Sabemos quem são, onde residem, quais as suas necessidades? Temo partilhado com alguns o pão para a boca, mas também o pão da Palavra ou até mesmo a comunhão eucarística?

5. ORAÇÃO

Senhor, nosso Deus, que nos reuniste uma vez mais para escutarmos a Tua Palavra e confrontarmos a nossa vida com ela, dai-nos a graça de participarmos em cada eucaristia com uma nova postura, de tal modo que a partilha entre os irmãos e os mais carenciados da nossa paróquia, seja um sinal claro de que estás vivo entre nós. PNSJC